



Mesmo apresentando as marcas da decadência, o velho prédio luta contra o tempo

Velho prédio luta contra o tempo e conserva sua paisagem bucólica

Texto e fotos
Salésia Dantas

Eclética, neoclássica, estas formas lhe deram uma postura imponente, edificado no que parecia mais uma afronta ao bairro pobre das Rocas, dos canguleiros. Ali funcionou a estação primeira, parada obrigatória das locomotivas antes da entrada para a sessão de locomoção onde recebiam os reparos e dariam prosseguimento a outras viagens. Em seguida, foi transformada em escritório central da RFFSA, concentração da elite dos ferroviários e cérebro das grandes decisões.

Sua altura em destaque, dava mesmo a impressão de que todos os outros departamentos expostos ao seu redor, estavam tudo sob seu controle. Em contraste com a paisagem bucólica em que carneiros e cabras pastavam. Era a Locomoção, a Carpintaria, a Fundação, tudo ao comando do importante prédio de cuja torre se faziam surgir histórias assombrosas contadas pelos filhos dos ferroviários. Daquela torre, saíam todas as noites, altas horas, o som do apito de um trem, cujo maquinista tinha morrido em exploração da caldeira que quei-

mava lenha e tocava o comboio pra frente, rasgando o sertão, onde era tido como um gigante sagrado de ferro.

E várias outras fantasias povoavam as mentes não somente infantis, podendo ir até à visão ou aparição dos diretores já falecidos e que daquele local ordenavam as saídas dos trens pisando os trilhos. Mas a nobreza do antigo escritório, — era assim que era conhecido antes de passar a servir de escola primária e sentir os primeiros passos de sua decomposição — chegou a ser abalada em seus altos brios, quando um crime foi registrado. Isto, em 1959, quando o então diretor José Wanderley Filho (militar reformado do Exército) foi acusado de perseguir um funcionário que não aceitava a insistente recusa em não conceder-lhe audiência, o funcionário adentra ao gabinete e mata o chefe. Daí em diante, o velho prédio passou a fazer medo aos passantes. Menos aos carneiros e cabras que permaneceram pastando em sua redondeza.

E as histórias tenebrosas continuaram a evoluir. Conta-se que um ferroviário há muito já aposentado, teria

sonhado com um triste fim para a antiga estação, após o acontecimento do crime. O sonho traçava que nada mais iria progredir ali dentro, até ser transformado em ruínas. E parece que tende a se concretizar. Hoje, o elegante prédio já demonstra sinais de fragilidade. Todo o material de sua composição foi sendo substituído por outros de valor bem inferior aos importados, que iam das maçanetas das portas, ao azulejo pequeno em forma de biscoito quadrado vindo da Inglaterra.

E o velho escritório aguarda agonizante o socorro do governo estadual que se demora mais a chegar, somente terá o trabalho de demolí-lo, deixando desolados outros prédios que juntos foram se erguendo à carpintaria e a forte caixa d'água com depósito de carvão importado na parte inferior de sua base. Mas aquele recanto guarda ainda consigo, o aspecto fiel de suas origens, as repartições férreas no antigo estilo europeu.

OUTRO LADO — A torre, vista de um ângulo posterior, serve ainda de equilíbrio. Na porta central, era a entrada de uma cantina que possuía geladeira, incluída na relação das pri-

meiras em madeira chegadas a Natal. O cafezinho, o queijo de Minas (era mesmo de Minas Gerais) e o biscoito sortido, ali tinham um sabor diferente. As crianças sopravam o gelo jogado na calçada, na operação de degelo, confusas, diante de uma temperatura estranha e desconhecida. Até fazia lembrar a música sertaneja que diz: "Você tá comendo vidro? Não pai. Tô chupando pedra d'água".

Tudo isto fazia parte da paisagem ao redor do escritório. Agora, sua cor cinza desbotada, são sinais dos tempos. Um místico de abandono e solidão. Suas portas estão cerradas e travadas, já que a comprometida estrutura não mais oferece condições de abrigo forte e protetor. Também não se percorre mais escadarias em madeira de lei nem se pode pisar seu solo de massaranduba. Nem ao menos ouvir o silêncio pesado de sua torre.

Como um gigante adormecido, curte um sono longo, enquanto é tragado por aniquilamento de um sistema em implosão, decompondo-se por dentro. Dá a impressão de que, a qualquer dia, vai amanhecer transformado em ruínas. Simplesmente ruínas.

Portas e janelas travadas

Diante da perspectiva de um desabamento até mesmo total e temendo colocar, em jogo, a segurança de várias crianças que ali estudam, o Governo do Estado resolveu suspender as atividades da escola que ali funcionava, a Moacir de Albuquerque, para restauração de suas instalações físicas, hidráulicas, elétricas e sanitárias. Mas isto já faz alguns meses e até agora nada foi concretizado. Apesar de estar enquadrada no programa de recuperação das unidades de ensino mantidas pelo governo estadual.

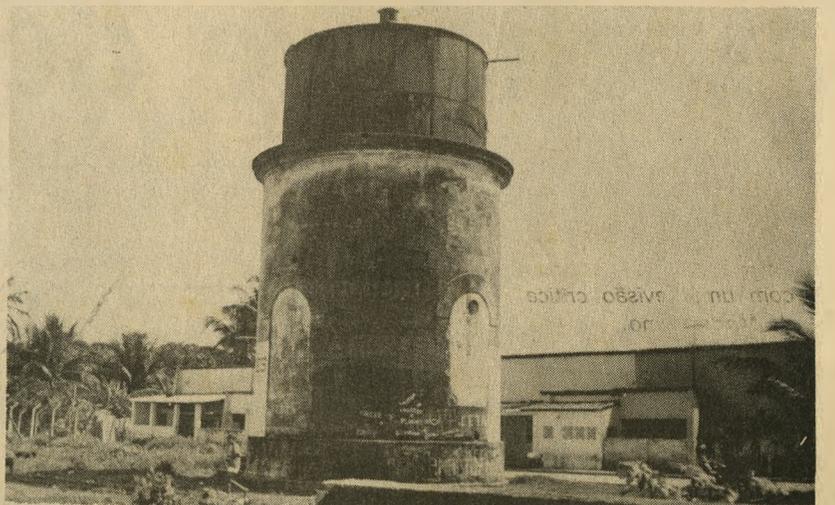
Pertencente à Rede Ferroviária Federal, o imóvel já foi tombado pelo Patrimônio Histórico e todas as obras de recuperação da Moacir de Albuquerque, dentro do projeto governamental, manterá o máximo, a preservação

de linhas arquitetônicas originais, podendo ainda, surgir negociações com a Rede para posse da edificação. O Estado ocupa o prédio para funcionamento de uma unidade escolar há 17 anos, mas a RFFSA não se prontificou ainda sobre qual o destino que deseja tomar com relação ao velho prédio, enquanto pais de alunos continuam a torcer por sua total recuperação, já que seus filhos estão deslocados para outros estabelecimentos, à espera de um final feliz.

Como esmola, o antigo prédio funcionava com oito salas de aulas bem amplas, desde 1972, atendendo crianças da idade escolar entre 07 e 13 anos, moradores dos bairros da Ribeira, Rocas, Brasília Teimosa e Santos Reis.



A beleza envelhecida da carpintaria conserva os traços de sua origem arquitetônica



A gigante caixa d'água armazenava em sua parte inferior, o carvão vindo de longe